

NESTE
NÚMERO:
5.ª Separata
da série dos
emblemados
clubes desportivos

Stadium

N.º 142 ★ 22 DE AGOSTO DE 1945 ★ PREÇO 1\$50



CICLISMO NO LUMIAR

Fase da prova de duas horas
«à americana», no período
de maior animação. Eduardo
Lopes vence João Lourenço
no primeiro «sprint» que se
disputou

OS JOGADORES FALHAM NO REMATE

A doença e o remédio — Intervenção dos treinadores —
— Os desafios com estrangeiros e a sua constituição

NA Suíça tivemos tudo — menos remate. Preparação física e fôlego, capacidade técnica e tática ajustada — todas essas qualidades revelou o *team* português em Basileia.

Como recordamos ainda aquela tarde sombria de Rankoff! O futebol português foi uma espécie de revelação. Durante uma hora efectiva de jôgo, pelo menos, os portugueses tiveram a bola nos pés, nas mais caprichosas e modelares combinações. Que futebol vistoso!

Os suíços rejubilaram com o espectáculo, para eles inesperado. Já os jornais lhe tinham dado a conhecer as características do nosso futebol. Mas não supunham um quadro desportivo tão belo, harmonioso e perfeito — jôgo do mais belo desenho, praticado com uma velocidade que tornava ineficaz todo o calculado plano defensivo do adversário.

Tratava-se de um futebol bizarro, pôsto em campo pela estranha fantasia dos ocidentais — era mais ou menos o pensamento daqueles milhares de pessoas que, acostumadas a escalar as montanhas, apreciam aqueles que são capazes de demover obstáculos.

No fim, ao cabo da hora e meia, deu-se o fenómeno da derrota portuguesa — só por que sofremos um *goal* numa jogada sabiamente estudada e preparada pelo trio atacante de um clube, trasla-

Portugal avança e domina, mas logo a seguir a Espanha é que marca...

Julgamos não ganhar nada escondendo esse defeito. Ou negando-o. Pelo contrário. Pensamos que alguma coisa se tem a lucrar — apontando conscientemente a falha, para que todos tratem de lhe dar remédio, especialmente os treinadores, aqueles mais podem fazer na aplicação da terapeutica apropriada.

Havendo quem discorde — não há dúvida que o futebol português continua sem solução na hora da verdade, e que tal falta representa, por assim dizer, um apanágio do nosso jôgo. Desde que nos conhecemos sempre reparámos e dêmos por esse reparo e acusação — uma falta de remate desoladora. Pelo contrário, em Espanha, a facilidade de *goal* representou sempre uma das mais apreciadas facetas do futebol espanhol. Com essa qualidade, e só com ela — a Espanha tem ganho desafios. E nem sequer será necessário para ilustrar a afirmação ir buscar o último exemplo ao Riazor.

Crêmos haver várias causas favorecendo o aparecimento e crescimento do bacilo. Citêmo-las, não por ordem da sua importância, dado o seu valor por igual: deficiência de técnica; campos duros; excesso de passes; e temperamento do jogador.

Entre nós, o futebolista não tem escola. Joga inicialmente por

O terreno duro, banido da bola em toda a parte, também contribui para o reconhecido defeito português. Já não falamos nos desastres que provoca e nos homens que inutiliza, mas na dificuldade de execução. Rematar com a bola parada em campo duro é operação das mais difíceis, visto a bola do jogador não conseguir dominar a bola como se tornava indispensável. Os próprios estrangeiros que conhecem o nosso futebol, como Ramón Melcón, por exemplo, são os primeiros a afirmar concretamente: acostumem-se os portugueses aos terrenos de relva e veremos depois se rematam, ou não, com eficiência, tal qual os espanhóis.

Uma das razões que também influi poderosamente no mal conhecido por falta de remate é o excesso de passes, a que alguns técnicos ligam fraca importância, mas que nós consideramos primordial. O jogador envolve-se em uma teia tão intensa de passagens, umas sobre as outras, e tão rapidamente efectuadas, que no momento do grande esforço já não dispõe de energias nem de força muscular para o grande cometimento. O mesmo acontece com a enfiada de *driblings*, tão vulgares no futebol do passado, tornando imprópria a acção do homem no momento da realização do *goal*.

Finalmente — o temperamento, a causa por ventura de primeira ordem. Quantas vezes todos nós temos tido a sensação do jogador ter realizado a parte do trabalho mais difícil — não conseguindo o mais fácil. É que o temperamento singular do jogador português



emociona-o e perturba-o tão profundamente, na hora em que ele precisava de mais calma e serenidade, que não consegue julgar o problema que se lhe apresenta com lucidez, nem executar como sabe e pode. É vulgar falarmos com um avançado, censurando-lhe a falta de remate que, tantas vezes, tirou uma derrota, e ele confessar-nos sinceramente — que, nesse momento, não descobria uma abertura nas redes e a bola não lhe obedecia.

Esses males estão a ser combatidos, ainda que vagarosamente, pela Organização. A técnica do jôgo difunde-se cada vez mais, acentuando-se a tendência para o ensino do futebol. Pelo seu lado, os campos duros estão irremediavelmente condenados, devendo surgir em Portugal terrenos relevados por toda a parte.

Os outros aspectos que focámos — o exagero pernicioso dos passes e o temperamento emotivo do jogador português — poderão ser anulados sensivelmente pelos treinadores. Cabe-lhes uma tarefa de redenção. Para o desaparecimento desses defeitos torna-se necessário que os portugueses joguem muitas vezes contra *teams* estrangeiros. Quanto mais — melhor. Ainda que controlando os desafios internacionais.

TAVARES DA SILVA

BIBLIOGRAFIA

UM QUARTO DE HORA DE GIMNASTICA PARA TODOS

pelo capitão C. MARQUES PEREIRA

INCANSÁVEL divulgador dos preceitos da educação física e das práticas da ginmástica, o professor capitão Celestino Marques Pereira lançou a público um apreciável manual, onde reñia, da maneira mais expressiva e fácil de interpretar por qualquer, os esquemas das primeiras lições de ginmástica por êle apresentadas nos programas da manhã da Emissora Nacional.

Trata-se, na verdade, de hábeis agrupamentos de exercícios acessíveis a toda a gente, expostos em quadros elucidativos, com desenhos e explicações que dispensam conhecimentos técnicos para serem interpretados. Esta é, indubitavelmente, a grande virtude do novo trabalho do capitão Marques Pereira, que se destina, como êle esclarece no prefácio, «a todas as classes, com excepção de uma só: a dos professores de educação física».

Os quadros esquemáticos são acompanhados ainda de algumas páginas de vantajosas indicações

e conselhos, que completam o merecimento prático do pequeno livro, bem digno de merecer a atenção de quantos — e tantos são — conhecem a necessidade do quarto de hora de eufórica ginmástica matinal e não dispõem de mentor ou guia que lhe proporcione.

A simplicidade aparente dos trabalhos deste género, destinados a fazer compreender um assunto por aqueles que não possuam preparação cultural para o interpretar, esconde no fundo grandes dificuldades para quem queira ser, ao mesmo tempo, simples e exacto.

Explicar problemas técnicos sem usar de termos especiais aumenta bastante os embaraços de quem escreve — mas para o capitão Marques Pereira êstes embaraços não se reflectiram na clareza e propriedade de exposição das lições para todos.

Parece-nos ser esta a mais justa apreciação que merece a sua simpática obra.



dado, para a selecção suíça, não conseguindo nós marcar uma bola em 60 minutos, ou mais, de domínio, tendo pelo nosso lado excelentes oportunidades de *goal*.

Corajosamente — fizêmos frente ao problema. Não desistiremos. Perdemos por falta de remate e enquanto não aprendermos a jogar dentro da *area perigosa* — e o mesmo é que dizer, a concluir uma tarefa, que vem de longe, paciente e habilidosamente realizada, — há-de nos suceder nos o mesmo mais vezes: dominar e perder. Naquela grotesca imagem, de todos infelizmente conhecida —

gosto, e a mais das vezes com bola de trapo, na rua ou onde calha, em auto-aprendizagem. Tudo quanto faz sai-lhe do corpo e da inteligencia. Leva dêste modo muito tempo a adquirir conhecimentos de fácil apreensão, desde que um mestre o orientasse.

Esta iniciação tem vantagens e defeitos. O jogador fica com *geitos* que nunca mais perde pela vida fora. E' assim possível haver em Portugal avançados que, normalmente, em frente das redes, mandam sempre a bola para os ares. E por deficiência técnica ou má posição do corpo.



NO MUNDO DA BOLA



PELO "Jornalista DESCONHECIDO"

Há resposta para tudo...

P. 116 — Qual o *team* que tem ganho mais campeonatos do Funchal?

P. 117 — Viu alguma vez jogador Janota? Era bom jogador?

(De um madeirense que vive em Lisboa).

R. 116 — *Martlimo.*

R. 117 — *Várias vezes. Excelente jogador, de domínio de bola fantástico.*

P. 118 — Qual é melhor: Rosa, Valongo ou Barrigana?

P. 119 — Actualmente, quem é melhor: Benfica ou Sporting?

P. 120 — Qual é a linha dianteira que melhor futebol pratica em Portugal?

P. 121 — Qual é melhor: Espírito Santo ou Jesus Correia?

P. 122 — Qual é a melhor linha de médios do país?

P. 123 — Qual é melhor: Arsénio, do Benfica, ou Albano, do Sporting?

(De o maior benfiquista de Olhão).

R. 118 — *Valongo. Mas os outros são mais novos.*

R. 119 — *O melhor é aquele que vence...*

R. 120 — *Para o nosso gosto, actualmente, a do Olhanense.*

R. 121 — *Espírito Santo. Jesus Correia persegue-o tenazmente.*

R. 122 — *Amaro, Barrosa e Francisco Ferreira.*

R. 123 — *Albano é interior de recurso. Neste posto, Arsénio é melhor. Como extremo não há comparação: Albano distingue-se.*

P. 124 — Quem venceu o primeiro campeonato de Coimbra?

P. 125 — O União não foi já campeão de Coimbra?

(Um coimbricense que não é estudante).

R. 124 — *A Académica, em 1922-23.*

R. 125 — *Sim, senhor. Várias vezes.*

O que há sobre o Congresso da F. I. F. A., em Lisboa?

A notícia caiu de chofre — entusiasmando o meio. O Congresso da Federação Internacional de Futebol Association ia realizar-se em Lisboa, segundo esforços envidados pela Federação Portuguesa.

A iniciativa encontrara — segundo se disse — nas entidades superiores do Desporto o melhor acolhimento. Decorreram os dias, porém, e não mais voltou a falar-se no assunto.

— Porquê? — Não merecerá já a idêia os bons officios federativos?

Não acreditamos que a iniciativa morra à mingua de esforço. Um congresso da F. I. F. A., o primeiro depois da guerra, realizado em Lisboa, representaria para o nosso país e para o futebol português uma nota de aprêço e distinção que valem bem alguns sacrificios.

Sabemos que o sr. dr. Salazar Carreira, quando esteve na Suíça com o *team* nacional, lançou com o seu habitual tacto a candidatura de Portugal. Seria pena que tão hábil esforço *diplomático* não fôsse secundado pelos dirigentes do futebol.

O PROJECTO E A FEDERAÇÃO

AS MEDIDAS ADOPTADAS

CORRESPONDEM ÀS SOLICITAÇÕES DO FUTEBOL PORTUGUÊS

COMO era licito esperar — triunfou o bom senso. A Federação de Futebol deu a conhecer um Projecto de remodelação dos campeonatos, e logo todos se pronunciaram sobre êle, as Associações Distritais com o poder da sua posição official, e os jornalistas e técnicos especializados com o valor do seu saber e da sua experiência.

De um modo geral — os técnicos mais categorizados apoiavam abertamente o Projecto. Para êles, o trabalho não tinha o mais leve defeito, só tendo qualidades e correspondendo em absoluto às necessidades do futebol português.

A posição das Associações Distritais — era bem diferente. Salvo uma excepção, sem interesse, todas elas tinham fortes objecções a opor ao *figurino* que lhes foi apresentado. A dar-se crédito às razões apresentadas teria surgido um Projecto bem diferente, nada parecido com o primitivo trabalho.

Estas — as opiniões das pessoas e entidades que emitiram a sua opinião. O grande público, que também sabe analisar as coisas e julgar os factos, criando geralmente a corrente de opinião mais justiceira, ainda que por instinto na maioria dos casos, discordava aberta e decididamente do Projecto. Havia um aspecto que chocava a sua sensibilidade: a escolha dos concorrentes à Primeira Divisão fixada arbitrariamente, sem se basear em um critério lógico e racional. Daí — a sensação de compadrio e de favoritismo. Porque apareciam no Projecto determinados clubes? — era a pergunta que andava no ar, provocando espanto e confusão.

Por sinal, nesta mesma página, expusemos sinceramente a nossa opinião, em dois ou três traços, e sem as muitas palavras que muitas vezes escondem a falta de ra-

zão. E tivemos a satisfação de verificar que, certamente por serem os mais sensatos, todos os nossos pontos de vista foram perfilhados, à excepção do que respeitava aos Campeonatos Distritais. Quanto a êsse, na verdade, as Associações de Lisboa e Pôrto demonstraram praticamente a necessidade de se manter, por enquanto, tal espécie de torneios. Não se pode deitar fora, brusca-mente, tão grande rendimento!

Mas a idêia do *alargamento* para doze triunfou em toda a linha, assim como o pensamento de se darem os novos lugares a Associações ainda não representadas. Assim — sim. Serve-se a causa desportiva, fazendo-se a divulgação e expansão do Jogo. Aos poucos interessando-se todas as regiões do país no Campeonato Nacional, que deixou de ser, desta forma, privilégio e monopólio de umas quantas Associações.

Também nos parece igualmente feliz a modificação operada na Taça de Portugal, e que a prática estava a impor há muitos anos. As duas mãos, com uma repetição designada pitorescamente por alguém de *A volta cá te espero*, não oferecendo interesse sob o ponto de vista desportivo, originavam as cenas mais desagradáveis e desprestigiantes do futebol português. O corpo dos jogadores ficava tatuado de mazelas todos os fins de época.

Já não podemos concordar com a eliminação do único torneio a eliminar da nossa Organização, proposta por Lisboa e Pôrto, certamente como revolta contra um Projecto que — segundo o seu pensamento — ofendia gravemente os seus interesses e direitos. Nem se justificaria essa eliminação. Há duas fórmulas puras de campeonato: em *poule* e a eliminar — e em toda a parte se verifica a existência das duas espécies, que tão perfeitamente se completam.

Quere dizer: a Federação de Futebol, pelas medidas já anunciadas, resolveu segundo o justo sentido e critério, dando satisfação a legítimas pretensões e às correntes officiais do futebol. Tão combatido era o Projecto — que constituiria insensatez dar-lhe execução. Opunham-se-lhe as melhores e mais importantes forças do Jogo. Em todo o caso, a Federação não pôs inteiramente de lado o Projecto. A prova está no que se anuncia para 1946-47. E se é certo que até lá tudo pode esquecer, nem por isso deveremos deixar de estar prevenidos, defendendo o Jogo e a Organização. Sua prática. Seu prestigio. Sua expansão.

Transferências

FRANKLIN, PINA, JOÃO DA PALMA E OUTROS

vão ser justamente atendidos

O problema das *transferências* continua na ordem do dia. Notam-se duas posições extremas: a daqueles que mantêm a opinião de que a *válvula* deverá ser completamente aberta, fazendo-se e desfazendo-se *teams*, à semelhança do que succede na Inglaterra (*meio* que não tem pontos de contacto com o nosso); e a dos que entendem que a *lorneira* terá de ficar, para bem de todos, herméticamente fechada.

Nós não alinhamos em nenhuma das extremidades. Entendemos, como os poderes superiores, que, em regra, as *transferências* devem ser proibidas. Para não transformar o desporto num campo aberto de negócios, sujeito a transacções com a idêia de risco. E a outros riscos.

Se, como regra geral, pensamos dêste modo, o mesmo já não poderemos afirmar quanto a alguns casos particulares. Há, na verdade, hipóteses em que não há o direito de prender um jogador ao clube, sem grave perigo para a sua vida e futuro. Sem vantagem sequer para a Organização. Não são hipóteses em que o jogador vai atrás de miragens. Mas casos que a vida origina. Por isso, manifestamos abertamente a opinião de que as *transferências* devem ser vistas e analisadas, caso por caso, consentindo-se somente o que for de justiça, fora de favoritismos e compadrios.

Sabemos que o sr. tenente-coronel Sacramento Monteiro, director geral de Desportos, está na disposição, trilhando caminho sensato, de consentir esta época poucas transferências, apenas aquelas cuja *justiça e necessidade se melem pelos olhos dentro*. Está neste caso as seguintes: a de Franklin, para o Vitória de Guimarães; a de Pina, para o Vitória de Setúbal; a de João da Palma, para o Olhanense; várias para a Académica de Coimbra — e poucas mais. Regozijamo-nos. Em qualquer dos casos trata-se de reforço considerável para clubes que se têm afirmado no futebol português.

Antiga casa Braz & Silva
António Braz, Lda.

Falenas, Porcelanas, Vidros, Cristais, Esmaltes e Gouroses Grande variedade em Telhezes

Telefone 28961

Escritório e loja
252, 252-A, RUA DA PALMA, 254, 254-A
Armasins
133-A, Rua do Benfamoso, 133-B

Stadium

Corrija o seu ESTILO

94 — FERNANDO MATOS FERNANDES, campeão nacional do salto em altura.

Esta fotografia tem a virtude de focar um momento do salto, anterior àquê que estamos habituados a ver reproduzido e nos traz, por isso, novas indicações.

O saltador está em plena subida para a barra, preparando a posição de rolamento.

Os braços (1) foram ambos atirados para cima e para a frente, puxando o tronco para sobre a barra. A sua acção parece correcta.

A posição do corpo (2), porém, merece maior reparo, porque mostra recuo acentuado da bacia em relação à cintura escapular; isto é, o tronco do saltador está ainda quasi perpendicular à barra, quando devia aproximar-se já muito mais da paralela.

Posso encontrar para o facto duas explicações—que podem ser talvez, com maior propriedade, uma explicação dupla: primeiro, a chamada 1ª feita demasiado longe do plano da barra e o saltador atirou-se mais para a frente do que para cima (ângulo de subida em relação ao plano do solo insuficientemente aberto); segundo, a perna livre (3) não foi lançada para cima e para diante com a necessária energia, de forma que não pôde cumprir a sua acção tractora da bacia.

A perna de chamada (4) segue a companheira, à qual virá juntar-se sobre a barra, e o atraso que acusa aqui é consequência da demora no avanço da outra.

95 — JOÃO DURÃES, campeão de Lisboa do salto em altura.

Vamos analisar a forma de saltar deste atleta em três fases sucessivas, colhidas em tentativas diferentes e duas das quais, B e C, correspondem, apesar de disseme-

A fotografia é o fiel reflexo das atitudes atléticas e serve para apontar defeitos e virtudes



lhantes, ao mesmo momento do salto; vamos interpretá-los como seguindo-se, mas admitindo a hipótese de que traduzam antes variedade no estilo de um ensaio para o outro.

A—O pé de chamada (1) acaba de descolar do solo: a perna completamente estendida e a ponta do pé mostrando que foi o último ponto de impulsão, testemunham que o trabalho muscular extensivo foi integralmente aproveitado.

Os braços (2) foram ambos atirados para diante, mas talvez pouco para cima; a sua acção auxiliar do esforço impulsor da perna de chamada podia ser maior.

A perna livre sobe em bom ângulo, embora pareça excessivo o seu afastamento em abdução.

B—O saltador vai em plena subida para a barra; os braços (1) precedem o tronco, mas ao passo que o direito se conserva em extensão (a mão devia estar já mais baixa, puxando o corpo ao plano horizontal), esboça-se no braço esquerdo uma flexão pelo cotovelo, que pode ser o início do movimento de recuo—que na fase seguinte vamos verificar.

A perna livre (2) puxa bem pelo corpo e a sua posição é muito mais eficiente do que a observada no caso precedente, de Matos Fernandes. A ponta do pé não devia estar tão virada para cima, mas já para diante ou para baixo, tudo preparando o rolamento sobre a barra.

A perna da chamada (3) foi lenta na subida, pois devia estar já mais próxima da outra.

C—O saltador está quasi sobre a barra e a atitude geral é pouco engrupada; culpa do braço direito (1), que hesitou no seu movimento de avanço e paira, inútil, por cima do tronco; culpa da perna livre (2), cujo joelho não subiu o suficiente. A própria perna de chamada (3) não completou o movimento de avanço; considerando mesmo o estilo Albritton, que parece, ser aquê que o saltador pretende imitar, a perna de chamada deveria ter avançado a par da outra, para recuar depois no momento da viragem facial.

O braço esquerdo (4) prossegue no seu movimento de recuo, esquivando o ombro e promovendo a viragem do tronco de face para a barra, que será completada pela colaboração do golpe de tesoura dos dois membros inferiores.

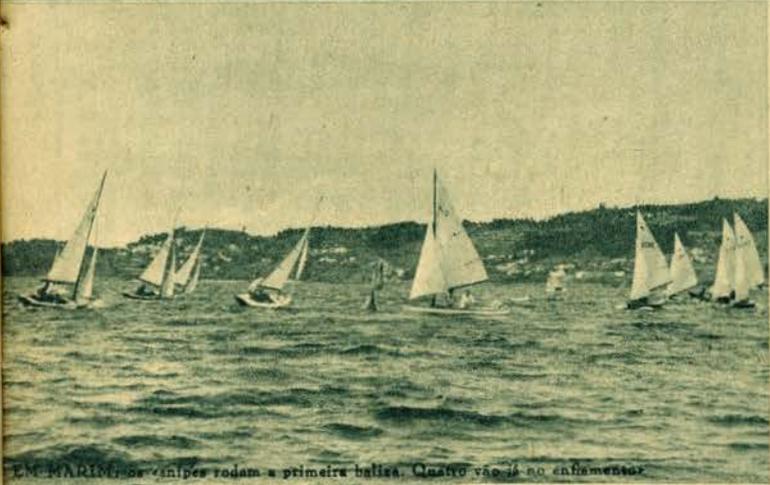
IMAGENS DO PORTUGAL-ESPANHA EM VELA



EM VIGO: Capucho, Belo e Fiuza aproximam-se da meta na primeira regata da classe «Stars»



EM MARIM: Como os «snipes» tiveram de lutar com a fúria do mar...



EM MARIM: Os «snipes» rodam a primeira baliza. Quatro vão já no zumbimento



EM MARIM: O «Rano Mar» — o mais sério competidor dos «staristas» por aqui — procura alcançar Joaquim Fiuza, que leva já bom avanço

VIVERAM-SE quinze dias à beira-mar, contemplando a maravilha de um espectáculo entrançado pela beleza do cenário, primeiro em Vigo, depois em Marim, quando trinta e cinco embarcações portuguesas se opuseram a cento e setenta da nação vizinha.

Sentiu-se o número esmagador de barcos espanhóis em relação aos nossos. Momento na classe de «snipes», a desigualdade acentava-se assustadoramente. Em «stars» também a quantidade pesava sobre nós. Todavia, o valor, a experiência e a categoria dos nossos velejadores sobrepõe-se a tudo e a todos, sem deixar dúvidas sobre o valor da vela em Portugal.

Os «staristas» portugueses possuem na verdade classe superior a todos os outros velejadores — e os nossos adversários foram os primeiros a reconhecê-la, dizendo que dificilmente se encontrará em toda a Europa uma equipa que rivalize com os portugueses.

Todas as regatas da classe «stars» foram ganhas pelos lusitanos, quer em dias de muito vento, quer nublados em que reinou a calma. O factor tempo esteve sempre em plano secundário. Acima disso valia a experiência e a categoria de Joaquim Fiuza e Duarte Belo, o saber de Ernesto Mendonça, a vontade de Jorge Schedel e os conhecimentos de António Herédia.

O mesmo não sucedeu na classe de «snipes», onde velejadores menos experimentados chegaram a demonstrar um valor que até então não era conhecido. Os portugueses alcançaram o triunfo com toda a naturalidade nas regatas de Vigo. Mercê de uma injusta desclassificação, enfrentaram de novo os espanhóis em Marim. Ai, a vitória pertenceu à Espanha.

Pergunta-se: é quais as razões porque os portugueses em Vigo ganharam com tanta nitidez e em Marim aconteceu precisamente o contrário?

Explica-se: As embarcações portuguesas são mais pesadas do que as dos espanhóis. Andam bem com muito vento (o caso de Vigo) e movem-se com menos ligeireza quando a brisa é suave (o caso de Marim).

O Porto, que tem dedicado a maior atenção à classe «andorinhas», viu os seus representantes nesta classe repetirem a proeza de há um ano, que lhes assegurou definitivamente a conquista da taça «Comandante Tenreiro». O seu melhor velejador: António Conde.

Em «sharpies», a vitória de Portugal foi acerte com a maior naturalidade. Os espanhóis não adoptam a classe de «sharpies». Em Vigo e Marim correram nos barcos que os portugueses lhes emprestaram. Só por isso a vitória dos nossos representantes não teve o brilho que devia ter.

Em resumo: a vela em Portugal está em franco progresso. Os resultados de Espanha dizem tudo. Em «stars», «andorinhas» e «sharpies», vitórias portuguesas em todas as regatas, quer colectivas, quer individualmente. Em «snipes», bom comportamento dos nossos velejadores no primeiro contacto internacional.

Os portugueses, acostumados a olhar o mar de frente, desde os tempos da epopeia, mostram agora ao mundo que sabem ainda navegar.



EM VIGO: Uma largada de «snipes» — com o mar agitado



EM VIGO: João Capucho e José Crespo, depois da sua brilhante vitória na regata de «stars», preparam-se para amarrar o «Capucho II» na doca. Até hoje local as águas estão agitadas

Henrique Parreirão

Henrique da Silveira

conquistou novamente o título de campeão nacional de espada

A sua vitória não sofre contestação — mas a prova teve escasso merecimento

COM a realização do campeonato nacional de espada, termina a época de esgrima de 1944/45. E não se pode dizer que tivesse fechado bem, porquanto a prova, como aliás a maioria absoluta das outras, não despertou interesse nem teve merecimento proporcional ao valor do título que se disputou. Entre esta competição e a da taça «António Martins» houve grande desnível técnico. A simples presença de Agostoni valorizou aquela e a obrigou os outros concorrentes empregarem-se a lano. Sem estímulo deste género e sem a comparticipação de muitos dos nossos melhores espadistas, o campeonato de Portugal redandou nam torneio de reduzido mérito.

O desinteresse manifestou-se logo no acto da inscrição, a qual não foi além de 18 concorrentes, na maioria das categorias inferiores. E como se preferia a sua distribuição em poules pequenas — sempre muito contingentes — mais se agravou a situação, pois foram eliminados alguns atiradores que poderiam valorizar um tanto a final.

Assim, foram atirados para fóra da competição: Bayard e Veiga Ventura, na primeira eliminatória; António Coito, Fernando Pereira e José Rei, na segunda; Beltrão, Nogueira e Pablo na terceira e última. Quasi todos eles dispõem de conhecimentos e de jôgo para ir mais além. Mas, pelo menos, Veiga Ventura, Fernando Pereira e Beltrão deveriam ir à final, que só beneficiaria com a sua presença.

Verdade seja que não se preocuparam muito com isso, mostrando-se pouco atentos ao combate. Não poucas vezes assistimos a ataques feitos a «despachar», de qualquer maneira, com evidente benefício de adversários menos categorizados.

A final do campeonato foi disputada por nove atiradores: Henrique da Silveira (C. N. E.), D. José de Melo e Castro, D. António de Almeida, Mário Pinheiro Chagas e Emilio Lino (S. A. C. G.), Carlos Dias (G. C. P.), Felisberto Coito (L. G. C.), Edmundo Franco e Jorge Figueiredo (M. P.).

Para disputar o título de campeão de Portugal — nama especialidade em que o nosso País provou ao mundo que possuía jogadores de grande classe — não pode dizer-se que o grupo fôsse valioso.

Henrique da Silveira ganhou mais uma vez o título de campeão. Não sofreu derrotas. Teve oito vitórias e, no conjunto dos «assaltos», apenas recebeu quatro toques, dois dos quais lhe foram muito bem dados por Carlos Dias. Entre os seus resultados e os do segundo classificado existe grande diferença, que lhe per-

mitiria até perder dois encontros sem necessidade de recorrer a desempate. Este facto e o redadíssimo número de toques recebidos provam que Silveira



HENRIQUE DA SILVEIRA

conquistou o título sem dificuldade.

Sempre ouvimos dizer que nas competições onde não há dificuldades não pode existir brilhantismo. Como se compreende então que lêsemos, nam dos nossos grandes matutinos, a afirmação de que Silveira tinha ganho a prova brilhantemente?

Não vamos tão longe. Concordamos, por exemplo, em dizer que o nosso campeão jogou brilhantemente com Agostoni, na disputa da taça «António Martins». Nessa altura tivemos enjêso de apreciar a sua grande classe. Mas no campeonato agora efectuado, Silveira não teve precisão de recorrer a todas as suas faculdades para se impôr aos adversários. Apenas Carlos Dias, quanto a nós, poderia ter aspirações a tirar-lhe o título. E não o conseguiu — nem o merecia.

Melo e Castro classificou-se em segundo lugar, com 5 vitórias e 3 derrotas. Jogou dentro do normal, nem pior nem melhor que de outras vezes. O seu sistema, a sua maneira de jogar, apesar de... «feia», tem provado eficiência. Sabe muito bem o que está a fazer. E os seus golpes em «tempo» — assim como as prisões de ferro seguidas de «flecha» — são difíceis de evitar, pela oportunidade com que os executa.

Emilio Lino, Carlos Dias e António de Almeida obtiveram o mesmo resultado: 4 vitórias e 4 derrotas. A diferença de toques colocou-os pela ordem que mencionamos. Lino não exibia a habitual vivacidade. Jogou menos do que sabe, dando-nos a im-

DUAS NOTAS POR SEMANA

EM PORTUGAL

A idêia desportiva subordina-se a princípios morais, aos quais se reconhece maior importância ainda do que aos benefícios de saúde e desenvolvimento físico provenientes das práticas do exercício desportivo.

Sempre se proclamou o desporto como escola de virtudes cívicas, actividade orientada para fins colectivos, da qual a individualidade completa do praticante lucrava como elemento pôsto ao serviço do interesse comum.

Ao presente, a importância da idêia desportiva muito mais cresceu, desde a hora feliz em que o Estado a reconheceu de utilidade pública e como tal lhe impôs directrizes, fiscalização e apoio. Aumentou a categoria social do desporto e aumentaram em proporção directa as responsabilidades dos desportistas e dos seus dirigentes e orientadores.

Tudo quanto façam no exercício das suas funções, ou com elas ligado, virá a reflectir-se no espírito geral — e, se for de mau exemplo, a espalhar também a desorientação e a dúvida.

Quem assume encargos de chefia deve redobrar de cuidado nas suas atitudes; aquilo que muita vez passa despercebido no meio da massa anónima, assume vulto e evidência quando praticado por alguém que, pelo seu cargo, sobressai da gleba.

Os dirigentes devem ser exemplo vivo da doutrina que apregoam: ponderação, solidariedade, justiça, aprumo moral, esculpulo respeito pela verdade, isenção, rigorismo e consciência serena, para não se oferecerem em espectáculo antagónico das obrigações que deviam cumprir.

NO ESTRANGEIRO

Nenhum acontecimento de além fronteiras interessou mais a opinião desportiva portuguesa do que as regatas celebradas em Vigo e Marim.

A representação portuguesa teve enorme vulto, correspondendo largamente ao empenho manifestado de longa data pelas entidades espanholas e, ao cabo das competições, luziu ainda mais pela qualidade do que já se impusera pela quantidade.

A vela é desporto que se liga intimamente às tradições históricas do nosso povo; raça de marinheiros, os portugueses sempre «trataram o mar por lu» e deviam naturalmente sentir a atracção das competições náuticas.

Foram organizados no mar os primeiros certames desportivos disputados em Portugal e os velejadores lusitanos algumas vezes se impuseram em confronto com adversários de outros países.

Veio, depois, um período de crise; os portugueses, por motivos vários, voltaram as costas ao mar nas suas horas de distração.

Hoje, verifica-se que a tradição ressurgiu; após alguns anos de boa e intensa propaganda, de esforços ineluctantes na divulgação das práticas náuticas, temos praticantes em abundância e de excelente classe.

Recordemos neste momento, em que agradáveis triunfos nos sorriem, o incentivo precioso que o culto da vela encontrou no interesse de Salazar, apaixonado pelo mar dentro das boas tradições portuguesas e cuja voz — já lá vão largos anos — foi a primeira a recordar hábitos e gostos lamentavelmente esquecidos.

pressão de se encontrar fisicamente inferiorizado.

Carlos Dias está absolutamente fóra de «forma». Não precisávamos de saber que recebia muito poucos «plastrons» durante a época. Bastava observar a dificuldade dos seus movimentos e a incerteza da «ponta». Sem trabalhar, nada se consegue. A habilidade não chega para suprir tudo.

D. António de Almeida — enorme de envergadura — progride nitidamente. O mesmo se pode dizer de Pinheiro Chagas, o sexto classificado, atirador de características muito especiais, que obteve apenas três vitórias, mas continuou a mostrar-se extremamente combativo.

Felisberto Coito, Edmundo Franco e Jorge de Figueiredo constituiram o trio dos últimos, com 2 vitórias e 6 derrotas. Indicamo-los pela ordem em que ficaram depois de feita também a contagem dos toques. Franco merecia melhor classificação, pois tem jôgo para isso. Desmoraliza-se, no entanto, com facilidade. Precisa de estar dos adversários com maior atenção. Quando o fizer, alcançará o que

SPORTING CLUBE DE PORTUGAL

Natação

Principiarão as aulas de natação, cujo horário é o seguinte: de manhã, às terças quintas e sábados, das 7 às 8,30 horas. De tarde, às segundas, quartas e sextas-feiras, das 18 às 20 horas.

Futebol

Está aberta na secretaria do clube a inscrição para os sócios e simpatizantes que o queiram representar, em futebol, na época de 1945-46.

deseja. Possui técnica. Não lhe falta habilidade. Siga os conselhos do seu mestre e verá que tira proveito.

Jorge Figueiredo, apesar de muito novo, alcançou um prémio com que talvez não contasse tão cedo: a passagem à final. Nem todos se orgulham de ser finalistas dos campeonatos de Portugal. Que o facto lhe sirva de incentivo. Quando adquirir experiência — melhorará grandemente.

Quanto a Felisberto Coito apenas podemos dizer que gostaríamos de o ver trabalhar com assiduidade, para avaliar então das suas reais possibilidades.

GRANJA E FARIA

O Grande Prémio de Lisboa

é a prova individual mais importante que se disputa no nosso País



Ivens Ferraz foi até hoje o único cavaleiro que venceu três vezes a importante prova. Vemo-lo aqui num magnífico salto, montando o célebre «Marco Visconti»

DE todas as provas hípias, de classificação individual, que se disputam no País, o «Grande Prémio de Lisboa» é sem dúvida a mais importante e consequentemente a que desperta maior interesse e mais emotivo entusiasmo.

Prova difícil, entrecortada sempre por obstáculos grandes e largos, com duplos e triplos de respeito, o percurso do «Grande Prémio de Lisboa» destina-se apenas aos cavalos de categoria, embora quasi sempre se inscrevam alguns outros que tentam a sua sorte, mas sem êxito...

O vencedor da mais importante competição individual portuguesa é, todos os anos, um animal de classe, que reúne qualidades de bom saltador e que possua galope rápido, para não se deixar bater pelo tempo, factor sempre muito importante, tanto mais que, nesta prova, poucos são os percursos limpos, tendo já havido anos em que o vencedor não consegue evitar um derrube. Isto indica-nos bem a dificuldade do percurso e a dureza da luta, sempre animada e emocionante.

O «Grande Prémio de Lisboa» tem a sua história — e é essa que vamos arquivar, satisfazendo assim alguns pedidos que nos têm sido dirigidos.

Foi em 1910 que pela primeira vez se disputou a importante prova — e seu primeiro vencedor Lourenço Casal Ribeiro, montando o famoso cavalo «Gantóis».

De então para cá, todos os anos se estabeleceu luta renhida para a posse do prémio, com excepção

do ano de 1915, no qual motivos de força maior impediram a sua realização.

Assim, o «Grande Prémio de Lisboa» foi disputado 35 vezes entre cavaleiros de várias nações, mas só 7 vezes foi levado para além fronteiras. Conseguiram-no o italiano Luigi Coccia (1939), montando «D. Rodrigo», e os espanhóis D. Carlos Matorana (1919), no «Delícia», D. Julio Fernandez (1928), na famosa égua «Revistada», D. Abdon Turrion (1932), na «Arlesienne», D. Diego Torres (1935), na conhecida «Egalité», D. António Gusman (1936), no «Rabanero», e Nogueiras Marquez (1943), no «Batato».

As restantes 28 vitórias foram obtidas por cavaleiros portugueses, mas poucos são os que repetiram a proeza. O primeiro a conseguiu-lo foi José Júlio de Moraes que, montando «Reginalda», averbou duas vitórias seguidas, em 1921 e 1922.

O major Ivens Ferraz foi até agora o único vencedor em três anos: no «Roussi», em 1926, e no famoso «Marco Visconti», em 1927 e 1930.

Outro cavaleiro com mais de uma vitória foi Helder Martins, que conseguiu a posse do Prémio em 1931, com o «Belina», e em 1937, com a «Paloia».

Outra nota curiosa que nos oferece a lista dos vencedores é o facto de 12 cavalos de coudelarias nacionais terem conseguido o Grande Prémio. Foram eles: «Ataláia», «Farinelo», «Dina», «Cirano», «Mufilo», «Hebraico», «Vencedor», «Roussi», «Gaillard», «Altivo»,

A MECANICA das corridas em pista

NADA há estabelecido nos regulamentos nacionais de ciclismo acerca das corridas «à americana», como afinal nada há legislado concretamente sobre muitas outras competições em pista. Esta falta, e também a tendência que se verifica entre muitos corredores, e até entre alguns dirigentes, para lagirem um pouco aos princípios que devem presidir a todas as pagnas desportivas, tem ocasionado que a maioria das «americanas» disputadas nas pistas do País nem sempre decorram com a necessária regularidade.

Umavez falha-se involuntariamente, outras com a consciência de que se está a prevaricar. No primeiro caso argumenta-se com o desconhecimento de como proceder; no segundo pretende-se obter uma justificação com a circunstância de outros terem já cometido as mesmas faltas...

A velocidade de competição, entre nós modalidade já tão divulgada, não pode continuar, pelo que diz respeito às corridas em pista, a ser orientada com improvisações. Há que elaborar regulamentos próprios, absolutamente adaptáveis a cada caso, com doutrina concreta e de uma só interpretação.

Com o intuito de facilitar o trabalho dos que pretendem tomar a seu cargo a execução do indispensável regulamento geral

«Paloia» e «Namir». Fechou a série de vencedores «Hoppefull Don», com Rodrigo de Castro Pereira.

Para elucidação do leitor e também para lhe dar melhor forma de guardar a lista completa dos vencedores, resolvemos publicar um quadro fácil de arquivar.

São estes os principais tópicos da história do «Grande Prémio de Lisboa», prova difícil, na qual se tem manifestado o valor, de resto nunca desmentido, do hipismo nacional.

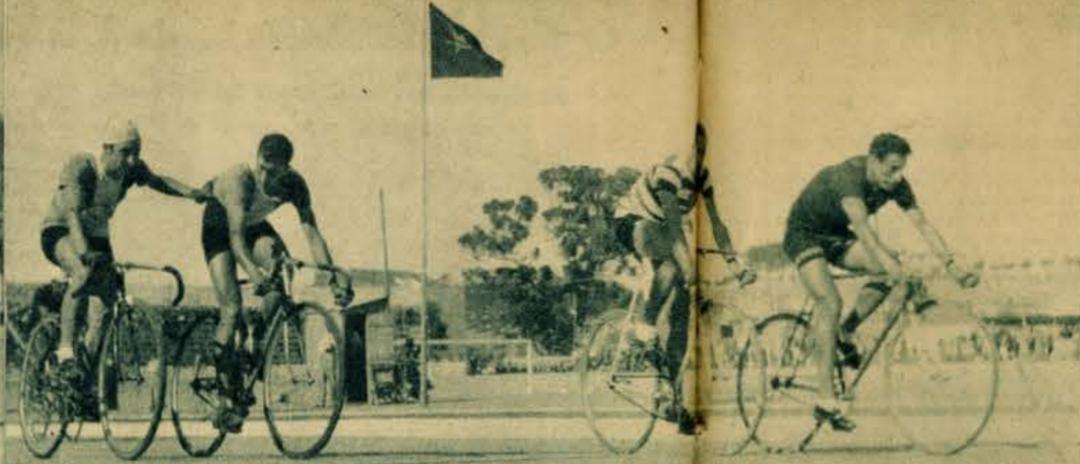
Lista de vencedores

ANOS	CAVALOS	CAVALEIROS
1910	«Gantóis»	L. Casal Ribeiro
1911	«Clemlite»	J. Alfo Mearim
1912	«Ataleia»	José Alverco
1913	«Forinelo»	Cunha e Silve
1914	«Alvear»	F. Luzignan
1916	«Dina»	Carlos Marin
1917	«Cirano»	Octávio Duarte
1918	«Mufilo»	Delim Mala
1919	«Delícia»	D. C. Matorana
1920	«Profonda»	Borges d'Almeida
1921	«Reginalda»	J. J. Moraes
1922	«Reginalda»	J. J. Moraes
1923	«Hebraico»	Jose Mousinho
1924	«Vencedor»	H. Margrde
1925	«Volgas»	Moraes Sarmiento
1926	«Roussi»	Ivens Ferraz
1927	«M. Visconti»	Ivens Ferraz
1928	«Revistada»	D. Julio Fernandez
1929	«Gaillard»	Frois de Almeida
1930	«M. Visconti»	H. Margrde
1931	«Belina»	Helder Martins
1932	«Arlesienne»	D. Abdon Turrion
1933	«Altivo»	Merq. do Funchal
1934	«Fossilite»	José Belirão
1935	«Egalité»	D. Diego Torres
1936	«Rabanero»	D. A. Gusman
1937	«Paloia»	Helder Martins
1938	«Manfield»	Coste Pine
1939	«D. Rodrigo»	Luigi Coccia
1940	«Chamille»	Mechado Faria
1941	«Namir»	F. Rodrigues
1942	«Sedo»	Reimão Nogueira
1943	«Batato»	Nog. Marquez
1944	«Paloia»	Henrique Celado
1948	«Hoppefull Don»	R. Castro Pereira

ANTAS TEIXEIRA

(Continua na página 15)

O FESTIVAL DE CICLISMO NA PISTA DOLUMIAR



CAMPEONATO IBÉRICO DE REMO

VIANA do Castelo prepara-se com entusiasmo para receber os desportistas portugueses e espanhóis que vão disputar o III Campeonato Peninsular de Remo. Vai ser uma festa magnífica de desporto. As tripulações espanholas foram escolhidas dentre o melhor que Espanha possui em remo.

Aos remadores do Marítimo, de Barcelona, e do Clube Náutico, de Tarragona, onde foram seleccionados os espanhóis, vão opôr-se os portugueses do Galtos de Aveiro e do Sporting Caminhense. Estes, os que defendem as cores nacionais dos dois países peninsulares, porque outras tripulações, das melhores que possuímos, navegarão no estuário do Lima sob o impulso forte dos remadores da Associação Naval de Lisboa, Naval Setubalense, Ferroviários do Barreiro, Grupos Desportivos da C. U. F. e da C. P., Naval 1.º de Malo, da Figueira da Foz, e Sport Club do Porto e Fluvial Portuense.

É o momento de se erguerem os remos ao alto, em sinal de regosio pela possibilidade destas regatas e pelo que elas significam como certeza de que o desporto do remo — de puras características de amadorismo — encontrou da parte do Estado o apoio e o auxilio que tanto merece.

Tudo indica que as regatas vão constituir jornada excelente para a maior propaganda do salutar e útil desporto.

Por entre a animação que vai acompanhar as regatas ibéricas, no meio das flamulas náuticas que tremularão nas margens do rio, as cores nacionais, acompanhando mais uma vez os desportistas portugueses, hão-de ser prestigiadas.

NO «rink» de patinagem de Santo Amaro de Oeiras disputou-se no último sábado o encontro de «hockey» em patins Norte-Sul, que serviu para avaliar as possibilidades dos nossos praticantes, a poucos dias do encontro internacional Portugal-Suíça.

A opinião geral, antes deste encontro Norte-Sul, que se efectua primeira vez, era de que os visitantes viriam a sucumbir por «numeros» mais ou menos expressivos. Tal não aconteceu.

O conjunto portuense (Norte — se quiserem), comportou-se magnificamente. Aguentou muito bem o impeto dos lisboetas, que num repente chegaram a 3-0, com pontos de Olivério Serpa — e conseguiram fixar-se em 4-3. Olivério, depois de 3-1, obteve o 4.º ponto, mas Manuel Soares e Santos conseguiram dois pontos e o seu grupo chegou a 4-3. O primeiro tento norte-nho já havia sido marcado por intermédio de Ribeiro.

Esta reacção portuense deu atractivos ao desafio. E também o excelente trabalho de Manuel Soares — na verdade um jogador de categoria. Na segunda parte, a equipa do Norte poderia ter melhorado. Jogou mais bem que os sudistas, cuja exibição não correspondeu ao que deles se esperava.

Todavia, a vitória do Sul pode considerar-se justa. A sua equipa é sem dúvida mais experimentada que a do Norte. Simplesmente, em Santo Amaro de Oeiras, não estiveram no «rink» alguns dos bons jogadores de Lisboa... Melhor: estiveram... mas não jogaram.

O marcador no segundo tempo oscilou bastante, todavia. Os nortenhos obtiveram mais um ponto, por Soares (agora convocado para a selecção nacional), e o Sul conseguiu mais 3, por Jesus Correia.

A arbitragem esteve a cargo do sr. João Melo. Agradou.

As equipas alinharam:

SUL — Rui Pedrosa (Lisgás), António Rato (Sintra), Sidónio Serpa e Olivério (F. Benfica), Jesus Correia e Correia dos Santos (Paço de Arcos).

NORTE — Carlos Oliveira, António Soares e Manuel Soares (Infante de Sagres), Ribeiro e Veloso (Académico) e Raul Lima (Vigorosa).

1 — Fase da prova de duas horas às americanas, ainda com E. Lopes no comando; 2 — Outra fase da mesma prova; enquanto Deiza e Aristides seguem a cabeça, Ernani rende Tavares da Silva; 3 — Na corrida de eliminação para iniciados, M. Gonçalves, do Sagalhos, o vencedor, abre a marcha; 4 — E. Lopes, que bateu o seu «record» nos 500 metros lançados, com Alfredo da Piedade, treinador da equipa do D. A. I.; 5 — Helder Pereira, após ter batido o «record» dos 500 metros (partida parada); 6 — Helder Cunha e Rosa Martins, 1.º e 2.º na prova de eliminação para veteranos



A selecção do Sul



A selecção do Norte



Fase junto das redes do Sul

A magnífica pista do Lima, onde se disputa o Campeonato Ibérico de Remo



MOSAICOS nortenhos...

UM NOSSO CAMARADA do bi-semanário «A Bola» dedicou ao artigo «O Pôrto é contra as transições não justificadas», publicado nesta secção do «Stadium», um magnífico sulto. O seu Intelligente autor retrocedeu uns tempos atrás para nos confundir — e fez mal. Não se dizia que *estivemos* de acordo. Pretendia-se, isso sim, acabar de vez com as «corridões» ao viveiro. Os erros do passado servem para nos livrar dos defeitos do futuro — isto se o distinto camarada nos der licença...

De resto, o F. C. do Pôrto, por exemplo, já experimentou outro caminho e dá-se bem com ele. Lapidando jogadores ainda com pouca experiência, conseguiu alinhar um grupo que já não é nada mau, graças a Deus...

ANIVERSÁRIO DO F. C. P. foi comemorado com extraordinária animação. O reverendo Marcelino da Conceição, que aparece sempre nas manifestações do popular clube do Norte, deliciou os desportistas portuenses com um magnífico discurso.

Estiveram também presentes as forças vivas da cidade: o sr. presidente da Câmara Municipal, o sr. governador civil, o sr. reitor da Universidade, os srs. comandantes da P. S. P. e da G. N. R., além do sr. tenente-coronel Sacramento Monteiro, director geral de Desportos.

Não há dúvida que o F. C. P., na sua cidade, tem o segredo destas coisas. Assim o compreendeu o público, o seu magnífico público, que encheu o Coliseu do Pôrto de ponta a ponta.

CALCULA-SE que o campeonato do Pôrto seja disputado este ano com mais equilíbrio, pelo menos no que respeita ao segundo lugar. O Boavista promete valorizar o torneio em sua acção, embora o Salgueiros também deseje manter-se na futura prova máxima.

ACADÉMICO militarà na Segunda Divisão da A. F. do Pôrto. *Dura lex...*

Na assembleia geral, por unanimidade, foi resolvido não consentir no alargamento de 6 para 8 clubes, e embora isso custe ao clube do Lima — não restam dúvidas quanto à justiça da resolução tomada.

É preciso dar às provas desportivas alguma «verdade». Não se fazendo assim, acontece o inevitável: o público deixa de tomar os torneios oficiais a sério... Trate o Académico de se desforrar da má sorte, porque para isso tem possibilidades.

A CÂMARA MUNICIPAL escolheu já a «zona desportiva» da cidade. Vamos ter, finalmente, o desejado Estádio? Mas, nesse caso, perde-se a oportunidade do F. C. P. conseguir o seu campo?

Por agora — não sabemos. Todavia, talvez não fosse difícil conseguir-se que o principal clube do Norte, de acordo com a sua Câmara Municipal, o explorasse convenientemente e durante largos

HANDBALL

Deverá a A. H. P. seleccionar os seus filiados?

POR mera questão de princípio, nunca advogamos a ideia da defesa do «clube grande» em prejuízo do «pequeno». Há que reconhecer (e mais no Desporto que em qualquer outra faceta de actividade individual) que a livre expansão das modalidades desportivas, através das possibilidades atléticas dos elementos de cada clube, é o melhor factor de êxito de uma causa.

Não obstante, essa liberdade de acção tem um limite — um limite a que a viabilidade dos factos ordena determinadas restrições.

Não parece conveniente, por muito louvável que mereça a popularidade das diversas modalidades desportivas, que o «handball» seja, por exemplo, praticado por jogadores... descalços...

Neste caso, não é, evidentemente, uma questão de «luxo», de «comodidade», que deve imperar nesta decisão, mas o indispensável respeito perante o público e seus adversários. Seria doloroso, se não ridículo, o contraste entre duas equipas — embora a finalidade desportiva fosse atingida. Ora é por esta imagem que preconizamos os limites dos «clubes pequenos».

É frequente no «handball» portuense alguns clubes, de precárias situações financeiras, desistirem de luta a meio dos campeonatos. Argumentam os seus dirigentes, regra geral, a incompatibilidade com decisões dos organismos de que dependem, por terem prejudicado (?) os seus clubes.

Todavia, quem se der ao trabalho de investigar as verdadeiras causas das desistências de certos clubes, já crónicas, aliás, encontrá-las-á sem dificuldade: insuficiência financeira.

Algumas deslocações dos seus grupos aos campos adversários bastam para se verificar a existência de uma secção de «handball» de clube morto ao nascer. Prejudicam-se os seus atletas que ficam, prematuralmente, privados da prática do desporto predilecto, pelo capricho de enfatuados chefes de secção; torna-se uma deslealdade perante os outros participantes nas provas, porque obrigam-nos primeira e desnecessariamente a deslocações, sempre difíceis para a classificação geral; e afecta a organica do «handball», porque a sua ausência «marca» as divisões a que pertencem, proporcionando desinteresse no público e declínio na modalidade.

De onde se conclui, e se lamenta, que alguns clubes fazem as suas inscrições na associação regional, principalmente para rotularem os seus officios com a legenda pomposa: «fillado na A. H. P.»...

Assim, não será preferível «poucos clubes mas bons?»

LUÍS MARCOLINO

anos. Juntar-se-lhe o útil ao agradável, sem dúvida alguma, e o Estádio ficará em boas mãos.

Um problema a resolver...

Um acto de justiça

Foi levantada a interdição ao campo de jogos do F. C. do Pôrto. Os desportistas da capital do Norte, na sua grande maioria admiradores da colectividade mais prestigiosa da cidade, sofriram há muitos meses o vexame. Sentiam-se atingidos por dura decisão — mas não se inobedeceram. Não feriram a disciplina. Acatarem-na.

O martírio, felizmente, foi dado como concluído. Volta o F. C. do Pôrto a dispor das suas instalações, mesmo modestas como são. O seu 39.º aniversário foi deste modo comemorado com maior alegria, e isso observou por certo o ilustre Director Geral de Desportos, que há dias foi hospede do popular campeão nortenho.

Agora, resolvido um problema grave, um problema que bastante perturbou a sua vida, vai por certo o clube dedicar a sua atenção ao campo de jogos. E outra campanha a continuar e nela se deve insistir hoje e sempre. — até que o seu Estádio seja uma realidade.

Possui o F. C. do Pôrto uma gerência activa. Os seus associados confiam bastante na sua boa vontade. Mas — isso é pou o. Torna-se necessário que a ela se juntem sócios e admiradores. A obra não é de pequena monta, e só o espirito de sacrificio de todos ajudará a sua construção.

Um dos problemas, grave sem dúvida, está completamente resolvido. Pois vamos a outro. Água mole em pedra dura...

Futebol... de pé descalço...

NUM dos domingos que conta este mês de Agosto — último do defeso para o futebol — estivemos em Braga, de visita aos nossos camaradas, praxe que todos os anos cumprimos com prazer.

Estávamos na Arcada quando ouvimos, casualmente, uma conversa entre dois indivíduos totalmente desconhecidos para nós. Por ela compreendemos que, no campo da Ponte, estava a realizar-se um treino de juniores. Seria, pensámos, uma esplendida oportunidade para vermos o novo treinador do Sporting bracearense na sua tarefa de preparação dos novos.

Mesmo a pé, percorremos o espaço que medeia entre a Arcada e S. João da Ponte. Entrámos no Parque, cujo estado de abandono confrange e irmana com os «culdados» do «zeloso» porteiro.

Alberto Augusto lá estava dando ensinamentos a este ou aquele «junior», alguns dos quais demonstram singular habilidade, a par de outros que não alinam ainda com o seu lugar na equipas. Estavam dois grupos em campo: um envergando camisola vermelha e outro de camisola às riscas verdes e brancas.

Surpreendeu-nos imediatamente o facto de no grupo dos «verdes», chamemos-lhe assim, quasi todos os jogadores — senão todos — estarem descalços, enquanto que o grupo adversário jogava de botinas... E até nos impressionou o facto de o guarda-rédes dos «verdes», descalço também, entrar às jogadas com certa ligeireza de gestos, denunciando vontade de se fazer ao lugar...

Naturalmente, o treino nada poderia revelar-nos, tanto mais que nem atinávamos com a finalidade do que se estava fazendo, entre grupos em condições de equipamento diferentes.

Não sabemos — nem nos interessa para o caso — se os rapazes das camisolas verdes-brancas eram jogadores de facto do clube ou se constituíam um conjunto organizado ao acaso, para treinar o onze clubista.

O que não podemos compreender, nem admitir, é o facto de, dentro de um campo de jogos, se efectuarem treinos com jogadores... de pé descalço...

De oito em oito dias

Mantém-se o «statu quo» na bola...

As informações que obtivemos, na altura em que escrevemos, sobre a pretendida alteração do «conjunto» da I divisão do futebol portuense, são de que se goraram as intenções alimentadas pelo Académico e pelo Vilanovense.

Na reunião de direcção da A. F. P. com os delegados dos clubes da divisão maior, houve unanimidade de resolução para que o alargamento fosse rejeitado.

Nada sabemos sobre a possível viabilidade do projecto, mesmo com sanção favorável do organismo central dirigente do futebol. Se não estamos em erro, houve já, em tempos, igual pretensão por parte de alguns clubes lisboetas, que teve idêntico despacho.

Desconhecemos ainda as razões educadas para a rejeição do pedido Académico-Vilanovense. Unicamente poderemos dizer que se a ideia tivesse «passado», representaria como que uma espécie de selificação moral a dois clubes que, pelo seu valor, têm direito a estar melhor cotados no nosso meio futebolístico. Um e outro dispõem de campos que são excelentes, sob vários aspectos.

O aniversário da Associação de Handball do Pôrto

A comissão administrativa da A. H. P. realizou há dias uma sessão solene para comemorar a fundação da colectividade e distribuir taças e medalhas referentes aos campeonatos disputados nas épocas de 1943/44 e 1944/45.

Presidiu o delegado da Direcção Geral de Desportos, sr. Mário de Carvalho, tendo Joaquim Alves Teixeira, o nosso colega de imprensa, proferido uma palestra muito interessante, recheada de bons conceitos, que a assistência aplaudiu vibrantemente.

Para fecho da sessão, o sr. presidente da mesa dirigiu algumas palavras aos atletas presentes, bordando o judiciosas considerações em redor do prestigio do «handball» nortenho e da necessidade que há de olhar para o futuro.

Afirmou igualmente estar convicto de que o novo Comissio Adminis-

Notas e novidades

que interessam à província

ALBERGARIA-A-VELHA — Miguel Siska, antigo treinador e antigo guarda-redes do F. C. do Porto, treinará esta época as equipas do Alba Sport Clube, desta localidade.

A notícia foi recebida nesta vila com extraordinário entusiasmo.

AMARANTE — A construção do Estádio Municipal é um facto. A Câmara desta vila está reconhecida à imprensa pela maneira decisiva com que contribuiu para a propagação do caso.

Foi por isso aprovado um voto de louvor, na última sessão.

— As eleições dos corpos gerentes do Amarante F. C. foram adiadas, por falta de numero legal de associados.

CAMINHA — Os remadores do Sporting Clube Caminhense foram recebidos em apoteose, á sua chegada a esta vila. Num dos restaurantes de Caminha foi-lhes oferecido um almoço e, á noite, efectuou-se um cortejo luminoso, durante o qual a população deu largas ao seu entusiasmo.

Junto á sede do Sporting a manifestação foi verdadeiramente apoteótica, tendo-se aplaudido o clube que na Figueira da Foz havia batido, em «shell» de 4 — a equipa do Galitos de Aveiro.

Os remadores caminhenses tiveram palavras de agradecimento para os seus adversários do Clube Fluvial Portuense. Este clube, antigo campeão nacional, transportou o barco dos caminhenses aos ombros, em sua homenagem.

NAZARÉ — O antigo jogador do Grupo Desportivo «Os Nazarenos», José Polaco, que regressou após uma ausência de 2 anos, foi alvo de significativa e merecida homenagem dos desportistas locais. Foi-lhe dedicado um banquete, durante o qual falaram os srs. Alvaro Sales e Joaquim Vicente Isaac.

VALE DE CAMBRA — A Associação Desportiva Valecambrense, que há pouco tempo ainda

trahia produzirá obra de realce, sendo de esperar muito da sua boa vontade e desejo de acerto.

O que há sobre o campo do F. C. do Porto?

Parece que são prematuros lódes as considerações bordadas sobre o facto de ter sido pôsto de lado, por grandes dificuldades surgidas, o terreno dos Antas.

Entretanto, a espectraliva mantém-se e as esperanças alimentadas da rápida solução de um dos mais importantes problemas do nosso campeão — o do parque de jogos — esfumam-se pouco a pouco.

Oficialmente nada consta, pois a direcção da F. C. do Porto também nada disse que desse confirmação às notícias postas a circular no fim da primeira semana do mês corrente.

Ere isto, pelo menos, o que constava na altura em que escrevemos. Entretanto, os acontecimentos podem precipitar-se e haver já qualquer coisa de definitivo.

O que devemos acentuar é que a questão do campo para o F. C. do Porto está já a lomar foros de lenda...

Stadium na província

foi visitada pelo excelente grupo do Estoril Praia, com quem perdeu por 6-4, resultado honroso, tem contribuído para a expansão útil do desporto no distrito de Aveiro.

Todavia, não recebeu ainda a colaboração segura de entidades que bem podiam ajudá-la. Tem havido, até, exagerada «caça» aos seus jogadores, pondo em perigo a futura composição das suas linhas.

Agora, segundo seguros informes, Vitor Baptista, um rapaz com muita habilidade, está a ser tentado por um clube de Aveiro, facto que tem causado certo desânimo entre os locais.

VIANA DO CASTELO — O sr. dr. Rocha Páris, presidente da Câmara Municipal, foi a Lisboa convidar alguns ilustres membros do governo para assistirem ao campeonato peninsular de remo, prova que está a interessar vivamente os desportistas de todo o país.

Como se sabe, a representação nacional está este ano entregue aos fortes conjuntos do Sporting Caminhense, deste distrito, e Clube dos Galitos de Aveiro.

Aguardam-se excursões, estando já quasi completamente ocupados os alojamentos disponíveis. Viana do Castelo, sem duvida alguma, vai viver algumas horas de alegre convívio.

VILA DO CONDE — A direcção do Rio Ave Sport Clube, desta vila, trabalha já no sentido de preparar as suas equipas de futebol que o devem representar na próxima época.

Os treinos principiaram na ultima semana, tendo comparecido muitos jogadores novos.

O SOL NAS PRAIAS

Durante a época balnear, a nataçáo encerra o maior prazer para os frequentadores das nossas excelentes praias. Após o vivificante e completo desporto, o repouso na areia, sob um bom toldo, é agradabilíssimo — principalmente se se dispuser de um dos óptimos toldos da Fábrica Portuguesa de Encerados, cujas casas, na rua do Vale de Santo António, 71 e 73, e no Cais de Santarém, 66 — telefones 24085 e 24086, atendem prontamente todos os pedidos do género — uma das suas especialidades.

“FLECHA” é a melhor bicicleta



Actividades desportivas da M. P. na província

A equipa de «volleyball» da Mocidade Portuguesa de Fomalhão, que esteve há pouco na capital do Norte, para disputar um encontro com o grupo do F. C. do Porto, no qual perdeu por 2-0

NÃO É DEMAIS INSISTIR...

POR todos é sabido que as várias vilas, cidades ou aldeias se tornam conhecidas por causa da sua importância desportiva.

A simpática vila de Olhão é bonita, atraente para qualquer forasteiro que se lembre de ir de passeio até o Algarve — mas o seu Olhanense, campeão admirável, tem conseguido por certo rodear a terra da melhor e mais segura propaganda... O mesmo acontece com as vilas onde a educação física criou adeptos e bons cultores. O mesmo em pequenas cidades: Guimarães, Barcelos, Setúbal, Viana do Castelo, Vila Real...

Logo, parece de aplaudir a decisão de alguns Municípios, que construíram ou ajudaram a construir parques de jogos. A idéia é digna dos louvores da imprensa e a nossa revista nem um só momento tem esquecido a actividade daqueles que procuram elevar a sua terra e os organismos que aparecem sempre na primeira fila das suas aspirações. Há Câmaras Municipais que pagam as próprias rendas dos terrenos ocupados pelos clubes que trabalham afadigadamente. Oferecem prémios para as competições levadas a efeito na sua terra. Compram, até, as equipas destinadas aos atletas. Sabemos de algumas que procedem assim.

Portanto, se outras pensam de maneira diferente — a atitude não se justifica. Nunca é demais bater este assunto. Os organismos modestos, com poucas receitas, não podem suportar pesados encargos e torna-se necessário ajudá-los. É uma campanha que nos agrada bastante e por isso não a largaremos de mão. Os clubes da mais escondida aldeia, prestigiam-na! Que não esqueça esta verdade quem mantenha o dever de cuidar de tão pequeninas coisas...

O antigo prestígio desportivo da

POVOA DE VARZIM

A propósito de uma inauguração

NA Povoia do Varzim foi inaugurado há dias um Velodromo. Estiveram presentes alguns dos melhores corredores de Portugal, bem como a excelente equipa marroquina, e julgamos que o publico correponderu muito bem aos desejos do clube promotor do festival: o Desportivo da Povoia.

Esta vila possui todas as condições para triunfar no campo da Educação Física. Não se interessando apenas pela prática do futebol, a Povoia do Varzim pode sem duvida alguma alinhar ao lado de outros onde a nataçáo, o remo e o «basket» conquistaram adeptos. De resto, os desportistas

poveiros conseguiram tornar-se notados há épocas, umas vezes por intermédio de nadadores de classe, outras á custa de boas provas no futebol. Gomes de Amorim, vencedor de muitas competições nauticas, em luta com Azinhal dos Santos, António Branco, Alvaro Sequeira, Basilio e Bessone, ofereceram á sua terra muitas horas de alegria.

No futebol, embora os antigos Sporting e Varzim não tivessem chegado á Divisáo de Honra, pode dizer-se que se criaram ali excelentes jogadores. João Nova, um deles, foi «internacional». Isaac, antigo jogador do Boavista, avançado prometedo, fez sucesso em Lourenço Marques...

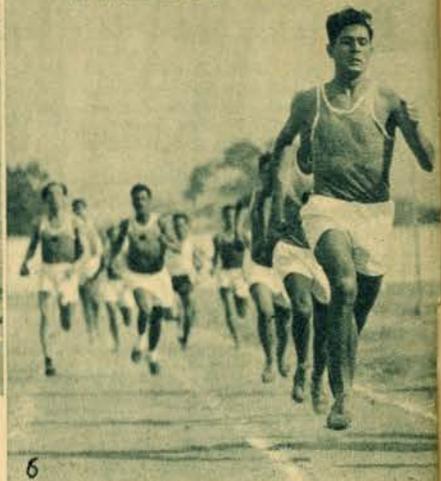
Mas na Povoia falta ainda muita coisa. Possui agora um Velodromo, mas não lhe custará por certo interessar-se ainda mais pela expansão do desporto.

Porque não aproveitar ainda melhor as magnificas possibilidades da sua populaçáo? No Atlantico pode remar-se. Em tempos idos, quando se disputava, em nataçáo, a taça «Cego de Maio», agradava o movimento do seu mar — o entusiasmo de praticantes e não praticantes.

Logo, procurem os desportistas poveiros conquistar o antigo prestígio. Melhorá-lo, se for possível. A inauguraçáo do seu Velodromo poderá contribuir para que o ciclismo desperte também os poveiros. Oxalá assim possa suceder — para valorizaçáo da modalidade e ainda para que a Povoia se decida e entusiasme um publico amigo de todos os exercicios físicos.

O DOMINGO desportivo

A actividade desportiva no último domingo andou em redor dos torneios de atletismo no Lumiar, Campo Grande e Salgueiros. As gravuras focam: 1—A equipa do Sporting que estabeleceu o novo recorde dos 4 x 200; 2—Mato Fernandes na prova de 400 m. barreiras; 3—João Silva conduzindo a corrida dos 500 metros; 4—Núncio ganha os 100 metros, seguido de Lourenço; 5—Concorrentes ao torneio do Belem; 6—Eas dos 200 metros no torneio do Belem; 7—Feliz de Sousa vence os 80 metros no mesmo torneio; 8—Os atletas que estiveram no Campo Grande.



UM RECORDE BATIDO!...

Não é somente em matéria de desporto que se batem recordes!... Por hábito compram-se hoje muitas utilidades a prestações — mas com aumento de preço... — e constitui na realidade um recorde saber-se que a Alfaiataria J. C. MOURA, na Rua da Atalaia, 145, faz dessas transações sem qualquer aumento de preço. Se V. Ex.ª tiver casa sua não é preciso fiador para adquirir um bom fato, sobretudo ou gabardine, assim como confeções de senhora em género «tailleur». Note bem, nesta casa encontrará V. Ex.ª maior perfeição e não paga luxo.



CAMPO MAIOR: 1 — A categoria de honra do Sporting Clube Campomaiorense, que tem obtido bons resultados. No segundo plano, à direita, Joaquim Mortágua também treinador do clube. **PALMELA:** 2 — O "team" do Nacional Futebol Clube. **MARRAZES (Leiria):** 3 — A equipa do Marrazes Sport Clube. **QUINTA DO ANJO (Setúbal):** 4 — O grupo do Quintojense Futebol Clube, dos mais populares no distrito. **SOBRAL:** 5 — O "team do Futebol Clube Sobralense "Os Teimosos". **BARCELOS:** — Actividades da Mocidade Portuguesa; 6 — O grupo de futebol da Ala n.º 1 da M.P., vencedor do Campeonato provincial. À direita o sr. tenente J. Guimarães, sub-delegado regional; 7 — A turma A da mesma Ala (Barcelos), vencedora da Ala de Famalicão.

LEITOR: Tem interesse em ver publicado uma gravura referente a um acontecimento desportivo da sua região? Para convidamo-lo a enviar-nos uma boa fotografia...



PORQUE NÃO FORMAM OS CLUBES DESPORTIVOS SECÇÕES DE AEROMODELISMO?

O que a este respeito disse à STADIUM o prof. Domingos L. Ribeiro

O aeromodelismo está atraindo no nosso país alguns milhares de entusiastas, despertando uma curiosidade que tende ainda a desenvolver-se.

Dêse entusiasmo e dêse desenvolvimento muito há a esperar. Não é demasiado optimismo pensar-se que, dentro de pouco tempo, os clubes desportivos de Portugal, sobretudo os nossos grandes clubes, poderão contribuir eficazmente na formação daquela mentalidade aeronáutica de que temos andado afastados.

Stadium, que acarinha a aviação desportiva e lhe reconhece as vantagens, procurou ouvir sobre o assunto a opinião autorizada de um técnico—o professor Domingos de Lima Ribeiro, actualmente desempenhando as funções de dirigente da secção de aviominiatura do Secretariado da Aeronáutica Civil, e que nos recebeu prontamente.

Rápida foi a nossa primeira pergunta. De resto em aviação tudo deve ser rápido...

—Poderiam os clubes desportivos contribuir para o desenvolvimento do espírito aeronáutico, criando secções de aeromodelismo? Haveria nisso vantagem?

—Sem dúvida alguma—afirma-nos Lima Ribeiro. Os clubes desportivos dispõem de tal massa associativa que muito poderiam fazer neste campo. Sendo o «aeromodelismo», se o encarmos no campo desportivo, dos mais completos desportos, muito lucrariam com ele os «velhos»—e os novos, os filhos dos sócios dos clubes desportivos.

«Conheço de sobra o espírito clubista e posso garantir-lhe ser um êxito para a colectividade que meter mãos à obra. No aeromodelismo o rapaz não só ocupa o seu tempo no mais instrutivo dos trabalhos manuais, como, cultivando o espírito atra-

vés de estados cada vez mais avançados, pode amanhã, em acampamentos, cultivar o corpo. Se passa algumas horas constringido, muitas e muitas seguidas pode passar ao ar livre, de tronco na, estudando os vãos dos seus aeromodelos.

O professor Domingos Ribeiro prossegue:

—Trata-se de um desporto novo, mas levará seu tempo a implantá-lo entre nós. Os clubes, que têm necessidade de receitas, quando um dia verificarem que numa competição de aeromodelismo se juntam 50.000 pessoas, olharão a sério o problema. Garanto-lhe!

—Qual o melhor processo para a criação dessas secções?—insistimos. Deveriam os clubes interessados enviar ao Secretariado elementos para se especializarem na instrução, ou os conhecimentos já adquiridos serviriam?

—O processo é muito simples. Basta que o requeiram ao S. A. C. Este organismo está pronto a secundar todas as iniciativas dêse género, recuperando-se assim o tempo que temos perdido. Não são necessários por ora mais instrutores, visto que dispomos já do número suficiente para que possam ser dadas aulas em qualquer ponto do país.

Havia em Portugal um número regular de praticantes do aeromodelismo, contudo, muito se aprendeu com o professor espanhol sr. Helena Olmo. Unificámos métodos de ensino e tirámos dúvidas que persistiam, a despeito de estados, embora isolados. O seu ensino está hoje condicionado e assente em directrizes bastante sólidas. Só ensina actualmente aeromodelismo quem estiver de posse dos certificados do S. A. C., que são passados só aos que muito estudaram!

—Não seria curiosa e útil a

competição entre clubes desportivos, em provas de aviominiatura?

—Todas as competições desportivas são dignas de interesse. Esse interesse reside na perfeição e a perfeição é tudo no aeromodelismo. Um aeromodelo imperfeito não vaa! Daqui a necessidade de ser-se metódico. De fataro, como antes da guerra acontecia na Rússia, Alemanha e demais países, as competições anuais reunirão para cima de cem mil espectadores. Pense nestes números—diz-nos com entusiasmo o professor Lima Ribeiro—e revele-os no seu jornal. Pense nos 25.000 associados do Benfica e do Sporting. Pense ainda em reunir 7.000 filhos de filiados dêstes clubes numa competição de aeromodelismo e verá para onde vai o futebol nacional... Novos campos se estão abrindo a todas as actividades e muitos desportos perderão a posição a que chegaram.

Durante a guerra viveu-se a aviação e os rapazes de hoje, homens de amanhã, ouvirão pela vida fora notícias relatadas dos combates. Já experimentou dar a um rapaz dez ou doze brinquedos diferentes? Pois vale a pena experimentar. Se lhe der dez brinquedos estapadamente feitos e um avião mesmo velho e mal construído, é neste que êle pega em primeiro lugar...

—Uma vez concluídos os cursos de instrutores do Secretariado, qual será a acção dêste organismo no que diz respeito ao aeromodelismo?

—Pela sua pergunta poderá depreender-se estar funcionando neste momento algum curso de instrução. Mas não... Enquanto não sejam colocados os instrutores, saídos dos dois cursos realizados, não funcionará qualquer outro. Os requerimentos, à medida que vão chegando, são seleccionados e numerados, entrando em linha de conta com estudos, idades e actividade comprovada dos candidatos. Quando forem chamados recorrer-se-á à primeira selecção.

«O secretariado criará escolas e centros por Portugal inteiro, onde se fará a grande obra que ora começa—a formação de uma sólida mentalidade aeronáutica, sempre tão necessária se nos lembrarmos dos vastíssimos domínios que possuímos além mar.

Eis que nos disse o professor Domingos de Lima Ribeiro,—motociclista, aeromodelista e piloto de avião com e sem motor,—na sua qualidade de técnico do S. A. C.

E ao levar aos clubes desportivos do país a ideia da formação de secções de aeromodelismo, desejamos que nela se medite, agora que todas as facilidades lhes podem ser concedidas.

PUGILISMO

A excelente actividade dos boxeadores portugueses em Barcelona e a brilhante vitória de Beni Levi

A ideia, demasiado arreigada em espiritos estreitos, de que o desporto português digno de atenção e de prática é somente o futebol, está sofrendo continuos desmentidos.

A vela, a esgrima, o «handball», o «basket» e o boxe, por exemplo, têm proporcionado tão cálidos e belos momentos ao amor próprio lusitano com o desporto da bola, e, às vezes, sofrendo do descrédito popular e do pouco auxilio das multidões.

Tivemos, nas últimas semanas, dois acontecimentos importantes. O primeiro foi o comportamento global da equipa de pugilistas portugueses—Larzen, Figueiredo, Gama e Mateus—que lutou, em Barcelona, contra outros tantos pugilistas espanhóis de cartaz e eficiência.

No recinto de Las Arenas (diz «El Noticiero Universal», da cidade condal) «los púgiles lusitanos causaram buena impresión», «bien preparados y magníficos asimiladores—con excepción de Larzen—dieram desde el principio la batalla, obligando a los nuestros a batirse sin reserva».

O jornal «La Prensa», também da capital catalã, faz côro com o seu colega, tecendo encoimios ao «entusiasmo y a la corrección con que actuaram» os pugilistas portugueses.

O «Mundo Deportivo», de Barcelona, diz textualmente o seguinte: «Considerados globalmente, los portugueses son el equipo más completo que nos ha visitado desde aquellas veladas en que mestros campeones eran opuestos a los Quadrini y otras primeras figuras del boxeo italiano». Mais adiante informa: «formaron un conjunto que causó una excelente impresión».

O jornal «A Marca» também reconhece aos nossos compatriotas o mérito que às vezes, em Portugal, se põe em dúvida, misturando o aparente com o real da questão.

Passada revista, embora sumária, à imprensa espanhola, cabe-nos agora divagar sobre o assunto e, ao mesmo tempo, referirmo-nos à esplendida vitória de Beni Levi sobre Francisco Beltrán, campeão de Espanha.

Levi é bastante surpreendente e irregular nas suas aparições. Ora se comporta de maneira decididamente desastrosa, ora nos premeia com uma brilhante exibição. Por isso, não estranhemos estas palavras do «Comercio do Pôrto» acerca do seu comportamento: «Bom combate, inteligente, enérgico e oportuno, de Levi».

«Foi um match que empolgou e satisfz os mais exigentes», afirma o «Primeiro de Janeiro».

Por conseguinte, o ex-campeão nacional dos «meio-médios» resurgiu muito a tempo, e briosamente, do marasma e da apatia em que vegetava. Derrotar Beltrán, autêntico campeão de Espanha, de maneira categórica, representa uma prova das suas possibilidades actuais e futuras. Quanto a nós, Levi devia abando-



Um dos últimos cursos de instrução de aeromodelismo, com o professor Domingos Lima Ribeiro

(Continuação da página 7)

corredor levar mais de meia volta de atraso, a equipa perde uma volta, mesmo se a renição do corredor em questão se fizer nos moldes atrás fixados.

Todavia, se no momento dos acidentes o atraso for de meia volta ou menos, a equipa reconhecerá a prova com meia volta exacta de atraso. No caso de haver vantagem na ocasião da avaria, a equipa perderá essa vantagem se não for igual ou superior a uma volta.

Portanto, logo que um corredor solta uma avaria, só há que levantar o braço e esperar que o seu companheiro o vá render, mas no mesmo local, para não haver interrupção da prova.

No caso de avaria registada depois do toque que proibe renições, a equipa, como não tem ninguém na pr. va nem pode haver substituições, também não tentará disputar o «sprint». Se, como há dias succedeu, houver corredores que a pretexto da fadiga inventam percalço, só há que punir tais atitudes desde que se verifique que tais percalços não existem. A penalidade está prevista: tantas voltas de atraso quantas forem as que perderam...

GIL MOREIRA

O SPORTING

foi o vencedor das «2 horas à americana» na última sessão do Lumiar

NA última sessão de ciclismo não pôde apreciar-se boa luta entre as equipas concorrentes, em virtude do par Eduardo Lopes-Jorge Pereira, da Iluminante, ter desistido a certa altura da prova.

nar em definitivo os «meio-médios» e trabalhar na classe dos «leves». Em prova desta afirmativa, vejamos os pesos habituais do moçambicano nas suas últimas lutas: entre 63,5 quilos e 62. Com um pouco de regime adequado ser-lhe-á fácil manter-se entre os 62 e 63 quilos, sem perder energias. O seu combate com França, para o título, poderia tornar-se sensacional.

O pugilista português, e actual campeão, é corajoso e mais difícil e duro do que se crê. Quanto aos «meio-médios», o assunto liquidar-se-ia entre Larzen, Figueiredo e Sousa, com fortes probabilidades a favor do primeiro.

Nos combates do Pôrto causou-nos surpresa a derrota de Valente Rocha, por K-O. No entanto, António Silva tem poder de sóco suficiente para abater os melhores e se treinasse a preceito seria sempre um pugilista popular.

A esmagadora derrota de Licínio Passos parece-nos mais uma derrota psicológica. Alejos bate sóco mas a precipitação do português e do árbitro favoreceu imenso o desfêcho do combate.

E, falando de Larzen contra Peiró, seja-nos permitido citar que o moçambicano pesou 66 quilos, contra 71 do espanhol. Essa marcada vantagem foi praticamente anulada, durante o combate, pelo português, que ia igual em pontuação. Todavia, o poder de

De então em diante, apenas a espaços foi possível assistir-se a rasgos audaciosos, quasi sempre por parte do conjunto marroquino — a que respondia, evidentemente, a melhor formação no terreno: o Sporting. Assim, a vitória «leonina» não ofereceu duvidas a partir de certa altura — e o interesse pela corrida desapareceu.

Antes das «2 horas à americana», efectuaram-se outras provas. A de mais interesse: a tentativa de «record» de 500 metros, com partida em movimento, feita por Eduardo Lopes. O corredor da Iluminante, aplicando-se bem durante a corrida, melhorou o «record», estabelecendo o tempo de 37 segundos. Foi incitado pelo público, durante a corrida, e entusiasticamente aplaudido no final.

Outro «record» batido foi o de 500 metros, com partida parada. Este pertenceu a Jorge Pereira, também do G. D. da Iluminante, em 39 s. 2/5.

Foram estas as corridas de melhor agrado para o público. A despeito de faltar competição, tanto Jorge Pereira como Eduardo Lopes comportaram-se o melhor possível. Claro que, nas «2 horas à americana», todo o brilhantismo foi para o Sporting. João Lourenço, depois de deixar de ter Eduardo Lopes ao lado, ganhou os «sprints» como quis...

Nesta mesma sessão, efectuou-se uma corrida entre «veteranos». Ganhou Helder Cunha — como é hábito.

A abrir a sessão de ciclismo disputou-se uma corrida de eliminação, entre «iniciados». Ganhou-a Santos Gonçalves, do Sangalhos, que revelou excelentes possibilidades. Correu com bastante inteligência.

“FLECHA” A MELHOR BICICLETA!

golpe de Peiró destruiu a fragilidade de queixos de Larzen, a 18 segundos do final do combate.

Figueiredo foi o mais impressionante dos quatro homens. Só no último assalto (dizem os jornalistas...) Rodri conseguiu ganhar vantagem que lhe garantisse a decisão — e mesmo assim o público não ficou convencido.

Mateus realizou um combate soberbo contra Micó, que há pouco era campeão de Espanha de «Javes». Micó fez dos seus melhores combates («estuvo sencillamente magnifico», diz «El Noticiero»...) e só a partir do 5.º assalto se impôs ao adversário.

Gama ficou conhecido pela bomba atómica, tal foi a impressão que causou o seu potencial de golpe. Santandreu, embora dominasse ligeiramente, sofreu a fractura completa do maxilar inferior no 5.º assalto, perdendo o combate por força das circunstâncias.

Por este breve pano de amostra pode o leitor apreciar o boxe português. Conquanto profissional, e sujeito às inevitáveis combinações de bastidores em certas oportunidades, também possui mérito próprio e na representação das actividades desportivas portuguesas merece que se reconheça como igual a outros mais pretenciosos desportos, equivalentes (ao menos!) nas decepções que nos causam nas pugnas internacionais.

A preparação para o encontro

PORTUGAL-ESPANHA

A Federação Portuguesa de Atletismo ocupou-se na sua última reunião do problema da preparação da nossa equipa nacional, para o encontro que vai disputar aos espanhóis em meados do mês próximo.

O assunto é de grande importância e deve ser imediatamente cuidado, para que não nos suceda o desagradável percalço de sermos batidos abaixo do nosso real valor.

Ninguém duvide da cuidadosa preparação dos nossos bravos adversários, que saberão aproveitar ao máximo o tempo disponível para se apresentarem ante nós valendo bem mais do que dizem as indicações dos seus campeonatos nacionais.

A data que a força das circunstâncias nos obrigou a aceitar é, para os nossos atletas, demasiado tardia; muitos abandonaram, voluntariamente ou não, o treino regular, e outros acusam os efeitos deprimentes do fatigante prolongamento de época.

As competições organizadas semanalmente pelos dois grandes clubes de Lisboa, trouxeram incontestáveis benefícios mas, para lhes evitar possíveis perigos, necessitam de ser para futuro fiscalizadas e orientadas pela própria Federação.

Os pré-seleccionados, internacionais certos, prováveis ou possíveis, ficam, desde a hora da sua primeira indicação, com toda a actividade condicionada pelo critério dos técnicos federativos. Não podem mais fazer o que lhes aprez ou os seus dirigentes clubistas julguem conveniente, mas apenas o que for considerado favorável ao melhor da sua forma — com objectivo na representação nacional.

Haverá corredores aos quais convém descansar (Eleutério, Bastos, Artur Dias, estarão possivelmente neste grupo); outros precisam, ao contrário, de trabalho mais intenso (Lourenço, Jacinto, Raposo) para atingirem o máximo dos seus recursos; outros ainda carecem de prova de exame, para se julgar da sua condição de momento.

Também já há mais tempo que

OPERÁRIO FUTEBOL CLUBE

Secção de futebol

Os sócios e simpatizantes do Operário F. C. têm aberta a inscrição, na secretaria (Calçada do Monte, 70, 1.º), todos os dias úteis, das 21 às 24 horas, para a representação do clube em futebol, cujos treinos vão começar brevemente sob a orientação do antigo internacional Vitor Silva.

Um homem com a barba por fazer

Que feio! Tão pouco elegante! Diremos até: não agrada a ninguém e dá a impressão de pouco afeito. Mas quantas vezes o motivo é a pele, que não admite a lamina sem de dias a dias: um martírio!

Pois bem: faça a barba e aplique Glycol — o ideal da pele — só Glycol, e verá como obtém resultados maravilhosos e pode barbear-se todos os dias.

A venda nas principais casas de especialidade e boas farmácias. Depositários gerais: Ventura d'Almeida & Pena, rua do Guarda-Mór 30, 3.º esq. (a Santos), Lisboa.

Enviamos amostras contra 4850 em selos do correio, nome e morada.

deveriam ter principiado, pelo menos uma vez por semana, os treinos colectivos; os seleccionados não iriam encontrar nessas sessões elementos novos de aperfeiçoamento (e de aí, às vezes, quem sabe?...), mas estabelecer-se-ia mais íntima camaradagem e o indispensável espírito de equipa. Perdeu-se tempo irrecuperável e não se apuraram ainda algumas incógnitas, que criam embaraços ao conveniente apuramento da equipa.

A constituição dos grupos de estafetas e o ensino dos participantes da corrida de obstáculos, por exemplo.

A jornada de domingo

No domingo passado repetiu-se o programa habitual; pela manhã os clubes promoveram os seus concursos para atletas não filiados, com larga concorrência e resultados prometedores, e á tarde os atletas de nome feito participaram no festival misto com os ciclistas.

Os clubes organizadores, inspirados pela Federação, haviam convidado os prováveis seleccionados portugueses, mas nenhum deles compareceu. Sampaio Peixoto justificou-se pelos embaraços de um período de serviço militar, mas retomou os seus treinos na pista das Salésias; os restantes consta encontrarem-se em férias.

O conjunto das provas foi bem menos animador do que o costume; coube ao Sporting, com os seus corredores de velocidade Lourenço, Artur Dias, João Jacinto e Núnico, bater o «record» da semana, o da estafeta 4x200 metros, em 1 m. 33,4 s., mas os outros resultados foram fracos (exceptuam-se ainda os 100 metros, com alguns destes mesmos corredores).

Os 10,9 s. de Núnico e os 11 s. de Lourenço são tranquilizadores; note-se contudo que Eleutério se classificou em 3.º lugar nestes cem metros, prova de que a sua forma vai declinando.

Também os 58,1 s. de Matos Fernandes na prova de barreiras indicam boa e progressiva forma. Mas que dizer dos 36,98 m. de Manuel Silva como martelo e dos seus 37,70 m. com o disco? Dos 1,70 m. de Sousa Dias em altura e dos 12,95 m. de Homero Reis? E da pobreza dos lançadores do dardo e dos tempos mediocres dos corredores da légua, levando mesmo em conta a acção do vento?

Cautela, senhores dirigentes, muita cautela — ou arriscam-se a um sério desgosto!

SALAZAR CARREIRA

Ano III — II Série — N.º 142
Lisboa, 22 de Agosto de 1945

Stadium
REVISTA DESPORTIVA

Director e Editor:
Dr. GUILHERMINO DE MATOS
Propriedade da
Sociedade de Revistas Gráficas, Lda.
Redacção e Administração
T. Cidadão João Gonçalves, 19, 3.º
Telefone 51146 — LISBOA

Execução gráfica de
NEOGRAVURA, LDA. — LISBOA

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Stadium

Stadium na Capital do Norte



O ANIVERSÁRIO DO F. C. PORTO: 1 - A mesa da sessão sol. ar. presidida pelo sr. Director Geral de Desportos e na qual se vêem, entre outras individualidades, os srs. governador civil e presidente do Município; 2 - A mesa de honra no banquete, a que preside o chefe do distrito, que tinha à sua direita o sr. tenente-coronel Sacramento Monteiro. HANDBALL: 3 - Na distribuição de prémios aos campeões de handball, o sr. Mário de Carvalho, delegado da D. G. D., entrega a Gonçalo dos Santos a sua medalha G. C. I. M. G. 4 - Jorge Moreira e Imídio dos Santos com os troféus que conquistaram na prova Pávo-Vila Real-Porto; 5 - Oliveira Queilhas e Manuel Correia, campeões regionais de velocidade em iniciados e amadores juniores; 6 - Tatás Moreira e Onofre Tavares, campeões em independentes e amadores seniores; 7 - Fase da australiana para amadores; 8 - Concorrentes às provas efectuadas no campo de Espinho.

